

A memória do trabalho merece ser preservada

Carla Hummel

Coordenadora de pauta do Jornal Cidade - Rio Claro, jornalista graduada em Comunicação Social pela Unesp-Bauru e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia- Unesp Rio Claro. E-mail: carlahummel@hotmail.com

Não é de hoje que o trabalho ocupa a maior parte de nossas vidas. Apesar de todas as tentativas de dedicar mais tempo à família, aos amigos, ao lazer, na prática o que acontece é que muitas pessoas chegam a passar a metade de seus dias, ou até mais, dentro das empresas. Se em número de horas é o trabalho que mais ocupa nossos dias, o mesmo não acontece quando analisamos os registros sobre a memória dos trabalhadores. Nos álbuns de fotografias, estão sempre eternizados os momentos com a família, os passeios, mas dificilmente fotos que mostram as pessoas trabalhando. Isso também acontece com os objetos e documentos preservados para registrar a trajetória de vida de cada um. Aos poucos, a memória do trabalho vai se perdendo. Décadas de dedicação diária se resumem a registros na carteira profissional.

O avanço da tecnologia parece acelerar o tempo. Em meio à busca constante por inovações, a questão da preservação do passado vai perdendo sua importância. É preciso apostar no novo, buscar mais lucro, e as antigas estruturas que um dia caracterizaram a cidade passam a ser consideradas um obstáculo ao desenvolvimento, e precisam ser demolidas para dar lugar ao “progresso”. As mudanças são cada vez mais rápidas, e logo já não é mais possível reconhecer a paisagem que marcou a infância, os bons momentos vividos nas antigas indústrias, no velho comércio, nos cinemas e sorveterias do Centro. Na avaliação de Carlos (2001,p.32), essa contradição produz o “estranhamento”, num lugar onde as marcas da vida de relações e dos referenciais “se esfumam, ou se perdem para sempre”. Essa sensação permeia a vida dos que nasceram em épocas passadas. Ao rever o prédio onde trabalhou, agora em estado de abandono, o operário já não reconhece mais seu local de trabalho e de convivência com outros trabalhadores. A forma está lá, mas perdeu a sua função.

A destruição das formas do passado é analisada por Marilena Chauí no prefácio do livro Memória e Sociedade- lembranças de velhos,



Funcionárias da Matarazzo.
Foto exibida durante encontro das ex-funcionárias.

escrito por Ecléa Bosi. “Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros” destaca Chauí (1979,p.19). A memória se apoiava em arrimos como a vizinhança, a família extensa, o apego a objetos biográficos, valores que perderam espaço para a mobilidade e o consumismo. Chauí mostra também a importância da frase repetida várias vezes no livro de Bosi, “já não existe mais”.

Essa frase dilacera as lembranças como um punhal e, cheios de temor, ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore guardadas na memória, pois sabemos que não irão encontrá-las nessa cidade (CHAUÍ,1979,p.XIX).

Em Rio Claro, uma parte significativa da história da economia do município ainda sobrevive

nos prédios das antigas indústrias. São empresas que tiveram grande importância durante décadas, mas que por diversos fatores entraram em decadência ou tiveram suas atividades encerradas. Permanecem os prédios abandonados, localizados em plena área urbana, o que acaba gerando mais um problema dentro das cidades. Junto com a degradação desses imóveis também se perde a memória dos trabalhadores.

Carlos (1996, p.64) chama de “ausência de memória” o processo de não-identificação em relação ao lugar, que seria uma consequência do processo de reprodução espacial que tende a eliminar o que existe. A autora defende, porém, que a memória pode também significar o resgate do lugar, “revelando-o e dando uma outra dimensão para o tempo”.

As formas que a sociedade produz guardam uma história, pois o tempo implica duração e continuidade. As formas materiais

arquitetônicas guardam uma certa monumentalidade com seu conteúdo social que a memória ilumina, torna-o presente e com isso lhe dá espessura (conteúdo ao presente). A memória articula espaço e tempo, ela se constrói a partir de uma experiência vivida num determinado lugar. Produz-se pela identidade em relação ao lugar, assim lugar e identidade são indissociáveis. O histórico tem suas consequências, o diacrônico, o que se passa modificando lugares, inscrevendo-se de outra forma no espaço. O passado deixou traços, inscrições, escritura do tempo (CARLOS, 1996, p.82)

A cidade que hoje se apresenta é o resultado de marcas deixadas em diferentes épocas. Apesar dos muitos fatores que contribuem para a demolição dos antigos edifícios (como no caso dos antigos casarões da área central de Rio Claro, a maioria já demolida e sendo ocupada



Funcionárias da Matarazzo.
Foto exibida durante encontro das ex-funcionárias.

por estacionamentos para veículos) muitas construções ainda resistem.

Esse mosaico é ele mesmo um “palimpsesto”- composto de acréscimos históricos de legados parciais sobrepostos em múltiplas camadas uns sobre os outros, tal como ocorre com as diferentes contribuições arquitetônicas de diferentes períodos que se distribuem em camadas nos ambientes construídos de cidades contemporâneas de origem antiga (...) Esse mosaico geográfico é uma criação, aprofundada pelo tempo, de múltiplas atividades humanas (HARVEY, 2004, p.110-111)

Iniciada em países da Europa e nos Estados Unidos, a refuncionalização desses prédios abandonados já é uma realidade no Brasil. Antigas fábricas passam a ser ocupadas por escritórios e lojas. Chamados

de “brownfields” (campos marrons) esses antigos edifícios industriais, comerciais ou do setor de prestação de serviços que perderam suas funções representam um desafio para os urbanistas. A caracterização de um “brownfield” não depende apenas das dimensões do prédio, sua localização, atividade original ou o tempo de seu abandono. É preciso também avaliar a importância que o empreendimento que funcionou anteriormente neste imóvel obteve junto à comunidade.

No campus da Universidade Estadual Paulista-Unesp, há um grupo de docentes e estudantes de pós-graduação que tem os “brownfields” como objeto de estudo. Várias dissertações já foram produzidas sobre a presença desses edifícios na Capital e cidades do interior de São Paulo. Com a orientação do professor doutor Auro Aparecido Mendes, foi desenvolvida a dissertação de Mestrado intitulada “Brownfields” e Atores Sociais no Município de

Rio Claro (SP): Memórias e Refuncionalizações- defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Para o estudo foram escolhidos quatro grandes empreendimentos que marcaram a história de Rio Claro: as Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a Cervejaria Rio Claro (Skol), a Tecelagem Matarazzo e a Gurgel Motores. São indústrias que marcaram época desde o final do século XIX, tiveram seu auge nas décadas de 50 e 60 do século XX e hoje têm seus prédios (abandonados ou já refuncionalizados) cravados na paisagem urbana. Após permanecer abandonado durante cinco anos na década de 90, o prédio da antiga tecelagem foi reformado e hoje é ocupado pelo Shopping Center Rio Claro. No local foi mantida a antiga fachada da fábrica. Já os barracões da cervejaria, que também passaram um período desativados, foram subdivididos. Parte do imóvel é ocupado pelas Faculdades Asser



Funcionárias da Matarazzo
Participação do encontro das ex-funcionárias

e Fatec, enquanto outros barracões permanecem desocupados ou alugados temporariamente para atividades como a confecção dos carros alegóricos das escolas de samba. O prédio da antiga Gurgel Motores enfrentou mais de quinze anos de abandono para depois ser transformado num condomínio industrial. Os prédios das antigas oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro apresentam uma situação mais complexa. Com a privatização da ferrovia, parte dos barracões é utilizada pela concessionária do setor; a antiga estação ferroviária é ocupada pela Secretaria Municipal de Turismo e também abriga o terminal de transporte coletivo mas ainda restam vários prédios em estado de abandono.

Existem outros casos de “brownfields” refuncionalizados em Rio Claro, como o do antigo Cine Variedades (Rua 6 com a Avenida 1), ocupado atualmente por um supermercado e o do antigo Cine Tabajara (Rua 1 com a Avenida 22), onde hoje funciona uma loja de utilidades domésticas.

Além de caracterizar os quatro “brownfields” no município, a pesquisa também fundamentou a importância desses empreendimentos para os habitantes da cidade através das entrevistas com seus antigos funcionários. Os depoimentos dos trabalhadores mostram a maneira como os homens se apropriam do espaço, imprimem nele suas marcas. Os operários não produziram somente tecidos, cerveja, carros e peças para trens. Ajudaram também a construir as empresas, a desenvolver o município, alterando a paisagem da cidade. Construíram suas casas ao redor das empresas. A pesquisa foi realizada nas casas desses antigos trabalhadores, deixou fluir seus relatos, conversas permeadas pela exibição de fotografias, carteiras de trabalho e antigos jornais de fábrica, guardados há anos como relíquias.

Foram nessas conversas que surgiram fatos importantes, tais como o metalúrgico que era poeta, os casais que começaram o romance na linha de produção, o ferroviário que passou seus 90 anos morando ao lado ou trabalhando na ferrovia, entre outras histórias de vida.

Os relatos dos antigos operários, hoje idosos aposentados na casa dos 70, 80 anos (disponíveis na íntegra na dissertação de Mestrado que pode ser consultada no acervo do Arquivo Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga) mostram histórias de vidas que começaram em famílias carentes, crianças que tiveram que abandonar a escola para trabalhar, uma rotina de muito esforço e cansaço dentro das linhas de produção. Mas também trazem relatos de homens e mulheres orgulhosos das conquistas que obtiveram através de seu próprio esforço, a realização de conseguir uma vaga na empresa que era o orgulho da cidade.

Os relatos dos antigos operários, hoje idosos aposentados na casa dos 70, 80 anos (disponíveis na íntegra na dissertação de Mestrado que pode ser consultada no acervo do Arquivo Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga) mostram histórias de vidas que começaram em famílias carentes, crianças que tiveram que abandonar a escola para trabalhar, uma rotina de muito esforço e cansaço dentro das linhas de produção. Mas também trazem relatos de homens e mulheres orgulhosos das conquistas que obtiveram através de seu próprio esforço, a realização de conseguir uma vaga na empresa que era o orgulho da cidade.



Funcionárias da Matarazzo
Participação do encontro das
ex-funcionárias

Nas entrevistas é possível perceber a relação de afeto que os trabalhadores desenvolveram em relação às empresas, a maneira emocionada como descrevem o trabalho e a tristeza da constatação do encerramento das atividades e do abandono do imóvel onde colaboraram durante muitos anos. Estes homens e mulheres são testemunhas de uma época que já não existe mais no mundo do trabalho. São da época em que a estabilidade era um fator comum dentro das empresas, em que era possível trabalhar durante trinta anos ou mais na mesma fábrica, onde além do trabalho se desenvolviam relações de amizade que são mantidas até os dias atuais.

A vida desses operários foi entremeadada pelo trabalho. Um dos entrevistados, o ferroviário Osvaldo Araújo, passou 90 anos convivendo com a ferrovia. Filho e neto de fer-

roviários, nasceu ao lado dos trilhos, começou a trabalhar na Cia. Paulista aos 18 anos, morou em casas que pertenciam à ferrovia, trabalhou no extinto Cineminha da Paulista e, após a aposentadoria, acompanhou com tristeza a retirada dos trilhos na Avenida 32, onde passou seus últimos dias. Inconformado com a decadência da ferrovia, Osvaldo conta que se recusava a passar pela antiga cancela depois que os trilhos foram retirados.

A convivência diária por 20, 30 anos nas linhas de produção trouxe muitas amizades e até casamentos para alguns dos entrevistados. Pedro e Neusa Nadai se conheceram entre os teares da Matarazzo, casaram, tiveram filhos e netos morando sempre na Vila Paulista, onde também estava localizada a fábrica, hoje Shopping Center Rio Claro. O passeio pelas lojas tem sabor espe-

cial para os antigos funcionários da tecelagem. No local eles ainda reconhecem a fachada, o lugar onde se localizavam os teares, lembranças que são retomadas a cada visita. Em 2005 aconteceu o primeiro encontro das operárias da Matarazzo. Mulheres que não se encontravam há mais de 30 anos viveram a emoção de retomar as histórias da fábrica, senhoras hoje aposentadas lembraram do tempo em que ainda eram adolescentes, onde as mulheres tinham que trabalhar usando saias porque as calças eram trajes proibidos para as meninas.

O momento do fechamento da fábrica marcou a vida desses operários. Funcionário da Cervejaria Rio Claro (depois Skol), José Waldemar foi testemunha da história da cervejaria em dois momentos distintos.

Quando em 69, 71, veio as má-

quinas da Bélgica, eu tava ali, na rua 7 com a avenida 2, veio o guarda rodoviário na frente (imita o som) todo com aquelas máquinas, aquelas carretas, a linha Skol, vi aquela linha zero da Bélgica, era festa, rojões, tudo mais (...)

Se esse momento marcou a vida de José Waldemar pela alegria, anos mais tarde, no início da década de 90, ele iria presenciar uma cena na antiga fábrica que até hoje não sai de sua memória.

Deus quis me mostrar alguma coisa, não lembro aonde eu ia indo, acho que em algum laboratório, tô descendo a avenida 2, no mesmo lugar em que em 69 tava entrando as máquinas, acho que, sabe esses filmes do tempo, a hora em que eu tava na esquina esperando o carro passar, saindo de dentro (da fábrica que já havia sido desativada) a linha tudo sucata, agora aí, depois que fechou, saindo sucata, meu Deus do céu, eu sei que dou um beliscão pra ver se não era sonho (...) o coração parece que deu um negócio, porque em voltei em 69, aqueles rojões, aquela sineta, o guarda rodoviário

As entrevistas com os antigos operários atestam a importância do trabalho na vida dessas pessoas. Quando a fábrica fechou, o impacto na vida desses trabalhadores foi muito além da perda do emprego. Nos debates sobre a preservação de um prédio industrial, é preciso considerar que ali também está grande parte das memórias dos antigos trabalhadores e também da população da cidade. Quem viveu na Rio Claro das décadas de 50 e 60 certamente se lembra do apito da cervejaria, ou já “acertou” seu relógio quando viu passar um dos trens da Cia. Paulista.

Para algumas estruturas degradadas pela ação do tempo, não há alternativa além da demolição. Mas é preciso buscar meios para preservar a história desses empreendimentos, que também são a história do município. Muitos casos em que os antigos prédios receberam uma nova função preservando algumas características originais registrados em outras cidades brasileiras indicam que é possível viabilizar o desenvolvimento sem anular o passado.

Modernidade e tradição são temas que aparecem em conflito dentro das discussões sobre a refuncionalização dos “brownfields”. O retorno da atividade aos antigos prédios industriais é um anseio da comunidade, uma iniciativa para ajudar a promover o desenvolvimento nos municípios, permitir a geração de empregos e acabar com os problemas que o abandono gera para a vizinhança. Mas já é consenso de que um futuro sólido só é construído se as experiências passadas são levadas em conta. Os olhos devem estar voltados para o futuro, mas o passado não deve ser anulado. Os operários entrevistados lamentam o fato de não ter o que mostrar aos netos quando estes perguntam sobre como era sua profissão. A existência de um centro sobre a memória do trabalho poderia preencher essa lacuna na vida da cidade. Na dúvida entre demolir ou preservar, muitos prédios acabam sendo destruídos com o passar do tempo, enquanto não há uma definição sobre a política que as cidades devem adotar quanto ao seu passado industrial. Não existe resposta pronta para a pergunta demolir ou preservar. O mais importante é abrir a discussão sobre o tema enquanto ainda há o que preservar. ●

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos. T. A. Queiroz. 1979.

CALDEIRA, Lélis. Gurgel - Um Sonho Forjado em Fibra. São Paulo: Labortexto. 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no do mundo. São Paulo: Hucitec. 1996.

_____. Espaço -Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Editora Contexto. 2001.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da história oral” in: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (coord.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2000.

GARCIA, Liliana Bueno dos Reis. Rio Claro e as Oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. 1992.

HARVEY, David. Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola. 2004.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.

JODELET, Denise. “A Cidade e a Memória” in: DEL RIO, Vicente e DUARTE, C.R. (org.). Projeto do Lugar. Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Coleção Proarq, 2002.

MENDES, A. A. e SAMPAIO, S. S.. Dinâmica Locacional Intra-Urbana das Indústrias: O Caso da Cidade de Rio Claro, SP. Geografia. Rio Claro. 1987.

PEREIRA, Vera Maria Cândido. O Coração da Fábrica- Estudo de caso entre operários têxteis. Rio de Janeiro: Editora Campus. 1979.

ROUSSO, Henry. “A memória não é mais o que era” in: FERREIRA, M. M. e AMADO, J. (coord.). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SANCHEZ, Luis Enrique. Engenharia- O Passivo Ambiental na Desativação de Empreendimentos Industriais. São Paulo: Edusp/ Fapesp. 2001.

SANTOS, Fábio Alexandre. Rio Claro- Uma Cidade em Transformação- São Paulo: Annablume/FAPESP. 2002

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel. 1985

SELINGARDI - SAMPAIO, Sílvia. A Industrialização de Rio Claro. Contribuição ao Estudo da Desconcentração Espacial da Indústria no Estado de São Paulo. Geografia, Rio Claro. 1987.

SELINGARDI-SAMPAIO, S. e PIRES, M. R. “Arqueologia Industrial de Rio Claro- SP- Um Estudo de Prédios Industriais e Equipamentos Técnicos Antigos”. ARGEO- Documentos Geográficos, nº 19. Rio Claro. 1992.